

As *Venturas* de um migrante: mito de migração em *O Senhor Ventura*

Sherry Morgana J. de Almeida¹
Universidade Federal de Pernambuco

Resumo: Este texto é uma leitura do simbolismo da migração na novela O Senhor Ventura de Miguel Torga. Partindo da hipótese de que todo ser humano é um estrangeiro na vida, a análise procura entender os sentidos das viagens da personagem principal e, conseqüentemente, conhecer mais sobre este mito tão caro à Literatura.

Miguel Torga, pseudônimo do escritor português Adolfo Correia da Costa, nasceu em São Martinho da Anta (Trás-os-Montes) a 1907. Formou-se em medicina e trabalhou por cinco anos no Brasil. Ao falecer, em janeiro de 1995, deixou-nos uma vasta e rica obra literária que contempla os mais variados gêneros: poesia, teatro, ficção, narrativas de viagens. Em 1943, publicou a novela *O Senhor Ventura*, algum tempo depois, ao reler o livro, sentindo-se *embaraçado* com a espontaneidade da escrita da juventude, procurou esquecê-lo e fazer com que os outros o esquecessem. Em 1985, reeditou o livro, não sem antes *torná-lo legível*, segundo nos diz no prefácio.

A novela, nas palavras do próprio Miguel Torga, *conta uma história portuguesmente verossímil*, porque reflete bem a condição dos portugueses de *andarilhos do mundo, capazes em todo o lado do melhor e do pior*. Entendemos o texto de Torga como uma narrativa de significações simbólicas que envolvem esse mito da condição andarilha do povo português, concebendo mito como representação do imaginário humano² e essa dualidade (bem e mal) como medida do caráter do nosso herói: o Senhor Ventura, seguindo uma ética própria, comete atos bons e atos maus³.

Buscando aprofundar o conhecimento da temática da migração na literatura, adentremos mais fundo no imaginário português, nesse lusco-fusco da errante alma portuguesa do Senhor Ventura. Dando início à primeira parte do livro, um incógnito *eu* narra as aventuras de seu possível amigo chamado Senhor Ventura. Diz:

Na sua figura ponho a realidade do que eu sou e a saudade do que eu podia ser. Entrelaço no desenho do seu nome quanto a imaginação me pede de distância e de perigo. Vivo nele. E, enquanto dura a memória dos seus passos, sinto-me tão verdadeiro que quase sou feliz. (p.11).

¹ Texto produzido sob orientação do Prof. César Giusti, na disciplina Literatura Portuguesa IV e apresentado no Seminário *Mitos de Migração na Literatura*, realizado em junho de 2002, em convênio entre o Programa de Pós-graduação em Letras da UFPE, a CAPES e a COFECUB.

² Para uma melhor compreensão desse imaginário, recomendamos a leitura de: DURAND, Gilbert. (1997) *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*. São Paulo: Martins Fontes.

³ A palavra *ventura* já está ligada a essa idéia – como afirma Cleonice Berardinelli, na apresentação da obra – remete a coisas que hão de vir, boas ou más.

A partir dessa demonstração de ciúme admirativo, somos apresentados ao pastor Senhor Ventura no momento de sua primeira partida: vai à Lisboa prestar serviço militar, de Penedono, região do Alentejo, à Lisboa; eis a migração interna, de um lugar para outro dentro do mesmo país, muito embora seja fato que Lisboa é uma região culturalmente distinta do Alentejo, praticamente outro país. A primeira partida tem importância enorme, sua significação é determinante para esse *ciclo mítico* de aventuras da personagem, pelo fato, aparentemente simples, de ser a primeira *partida*. Nela está a vitória sobre o desafio que o mapa do mundo suscita ao imaginário humano. A primeira partida estará presente nas que seguirão e ecoará no retorno à terra natal. O Senhor Ventura parte aos vinte anos, deixando no Alentejo seus pais. Seus olhos dão o primeiro sinal de que serão lugar de emoções intensas, ao guardar na lembrança as imagens de Penedono:

E todo o caminho deixou vaguear os olhos enamoradamente por aquele panorama irreal, como um árabe que fosse chamado a Meca e antes de partir quisesse beber toda a frescura e toda a água do seu oásis (p.12).

É em Lisboa que começamos a vislumbrar o caráter forte do Alentejano. Em pouco tempo surge o líder, respeitado não menos pela justiça de seus atos que pelo seu vigor físico:

e o Senhor Ventura, sem nenhuma categoria, era apenas ele próprio, é que seu poder não sofria limites. Na farda de soldado raso resumia a unidade inteira. (p.17)

Envolve-se em brigas e torna-se o principal, ou melhor, o único suspeito da morte de um homem. Sem comprovação oficial, é absolvido, mas recebe dos colegas militares os louros da bravura pelo assassinato. Pela fama de sua coragem é chamado a integrar o contingente militar de soberania portuguesa em Macau. Lá, aflora ainda mais o seu espírito de aventura, o seu anseio por conhecer novas terras;

o Senhor Ventura teve logo a certeza que já não era homem para adormecer ao toque de uma corneta. // Agora partia-se de todo a mola que Lisboa havia estalado nele. À medida que o barco avançava, e novas terras vinham ao encontro da sua imaginação, o Senhor Ventura sentia que qualquer coisa morria dentro de si, para dar lugar a uma outra que nascia. (p.20)

É uma partida *necessária*, porque é instintiva, mas que lega uma inquietante falta à alma da personagem. Como se, ao cortar essa raiz com a sua pátria, restasse para o migrante uma eterna e incômoda (quando se está distante) sensação de ser ligado a ela.

Perigos de luta, perigos de amor: nosso herói se envolve com a filha do secretário do Governador, e um tiro propositalmente não mirado de um colega soldado – pois o Senhor Ventura *não era homem que se matasse assim sem mais nem menos* – o faz desistir do namoro e da carreira militar. *Desertor*, aqui, essa palavra torna-se sinônimo de liberdade. Na concepção que Torga explicita em seu *Diário: A liberdade é sempre o último caminho. Um caminho direto que, por não levar concretamente a nada nos leva à esperança.*

Com esperança, o Senhor Ventura parte para Pequim, sua alma compara o tórrido mar à calma do seu Alentejo. Passa cinco anos navegando num navio de cabotagem. A viagem marítima, um lugar-comum na literatura portuguesa, é, pois, metáfora da dinâmica da vida humana. Lugar de transformações, o mar vem mostrar o estado transitório em que se encontra o Senhor Ventura: momento de dúvidas no qual as possibilidades são incertas, podendo concluir-se bem ou mal. Símbolo da vida e da morte.

O navio navegava lentamente, como a sonhar também um sonho demorado. A luz da tarde, indecisa, dava à lonjura o encanto das coisas vistas através de uma gaze. E uma saudade

estranha de não sabia que mundo e que hora invadiu o coração bravio do Senhor Ventura, que só encontrou alívio na guitarra esquecida (p.27).

Surge em Pequim, para somar e sanar a solidão e as saudades do nosso herói, outro desertor português, Pereira, um cozinheiro da região do Minho. Com ele, o Senhor Ventura passa a compartilhar suas cada vez mais perigosas missões.

Mas o Senhor Ventura era um pássaro que não podia ter gaiola. A vida sabia-lhe bem determinada por ele, com imprevistos e em circunstâncias donde pudesse sair uma façanha que ninguém sonhasse (p.39).

Sua nova façanha: partem para o deserto de Gobi à frente de um comboio de 200 *camions* Ford. Lá, são contratados para raptar um milionário chinês, tarefa que, como as demais, foi cumprida com sucesso. Após isso, o leitor se depara com o momento de maior saudosismo pátrio do protagonista, culminando com a sua decisão de retornar a Portugal. Decisão efusivamente festejada pelo amigo Pereira.

Até que o Pereira quebrou a meditação, numa espécie de apelo cósmico às raízes sua e do companheiro: // – Vamos embora! É bom experimentar de tudo, mas a nossa casa sempre é a nossa casa! Vamos embora! (p.45).

Felicidade tão intensa foi contida pela morte: Pereira é assassinado por rebeldes que intentavam saquear as armas comercializadas pelo Senhor Ventura. Este enterra o amigo no deserto com as próprias mãos.

E pela primeira vez a sua humanidade dura teve consciência do mistério da vida e da morte, e das forças cósmicas que aproximam os homens e o fazem amar-se uns aos outros (p.50).

Nosso herói parte de volta à Pequim, onde encontrará Tatiana, seu melhor e pior exílio. Casam-se: a frieza russa e o calor português complementam-se e rechaçam-se, pois *não há remédio para a dor que deixa toda a agressão à pessoa que se quer amar ou destruir*. Tatiana não o amava, portanto, restou ao Senhor Ventura a destruição. Ela não possuía a vocação para o companheirismo que ele conheceu com o Pereira e que agora nela buscava. Sua frustração nos fica evidente, ao saber que a mulher, para quem se rendia de amor, não sabia cozinhar nem estava disposta a apreender. Tatiana sobrepõe-se, assim, não só a um homem, como também nega a cultura portuguesa. Nem mesmo na escolha do nome do filho, o Senhor Ventura consegue submetê-la à sua vontade.

O seu sangue português, obedecido pela companheira desde que o mundo é mundo, corria-lhe envergonhado nas veias. Até o nome do filho! (p.75).

A criança chamou-se Sérgio e não António. Torna-se a razão de vida e de trabalho do Senhor Ventura, seu estímulo para aprender a ler e escrever. E quão poética é a imagem da aprendizagem de pai e filho, um tropeça nas letras o outro na insegurança dos primeiros passos.

– Lá caiu – murmurava o Senhor Ventura com enternecimento, e a sentir-se fortalecido naquele companheiro numa ciência nova (p.86).

Nesse momento, o Senhor Ventura é comunicado da morte de seu pai, para ele – já pai –, *essa é a ordem das coisas*. Pelo filho, envolve-se com a fabricação de heroína para conseguir mais dinheiro e acaba, como previa Tatiana, surpreendido pelo governo chinês que, cansado dos problemas causados pelo português, exige a repatriação. Não lhe sendo permitido levar mulher e

filho, com eles, deixa todo o dinheiro ganho com o trabalho honesto e com o trabalho ilícito. Dos dois caminhos possíveis de retorno a Portugal opta, em busca de dores e confortos maiores, pelo mais difícil, a Sibéria, um caminho de gelo para um coração exaltado. Pois, *sua natureza devassada tinha ainda recantos a explorar*.

E o Senhor Ventura entrou comovido na sua terra. Que comoção é essa? Como entender a alegria do retorno para alguém que sempre quis partir.... sempre partir? O mito de migração implica o mito do retorno: para aquele que parte, o retorno é inevitável, continuamente desejado. Portanto, a alegria vem da satisfação de uma vontade que a personagem sempre conteve.

O Senhor Ventura vai nos mostrando *o que há de legítimo em cada partida e de fatal em cada regresso*. Deixemo-nos conduzir pelas vagas dessa narrativa. A fecunda solidão parece ser o ponto de partida e de chegada para aquele vive em constante auto-exílio. A migração, sob esse prisma, seria a eterna busca da solidão, sendo esta condição primeira e última de todos os homens, ou melhor, nas palavras de Octavio Paz, *a solidão é a profundidade última da condição humana. O homem é o único ser se sente só e é busca de outro*⁴. As viagens são para nosso venturoso herói, revigorantes, sempre percorre as *terras febrilmente*, sentido-se só e buscando comunhão. Porém, esse anseio pela aventura em novas terras, lega-lhe uma dívida com sua terra natal. Tem-se, pois, o regresso: é chamado a retornar e, *disposto a pagar o que deve à condição nativa*, volta à sua terra, e compreende que precisa crescer nela e para ela.

Quando retorna à pátria, o Senhor Ventura assume, por estar distante do seu amor, a condição plena de estrangeiro. Pois, estrangeiro é também aquele cujo amor está em algum outro lugar. Tatiana distante significa sua terra distante.

Em Penedono, toma conhecimento de que sua mãe morrera há pouco tempo. O alentejano olha, então, *a terra onde a imagem querida não apodrecia, onde o fruto da sua tristeza se perdeu como uma libertação*. Resolve trabalhar fazer sua *terra mãe* renascer.

A sua raiz mais funda nunca bebera senão naquele chão bravio. O Senhor Ventura pudera ser tudo pelo mundo além. Mas o camponês lá esperava sua hora. A sua hora de barro e de integração completa nele. (p.112)

Enfrentando as dificuldades do solo e do tempo, sua luta agora é com a natureza, um adversário muito mais forte, que dele exige não apenas o vigor físico, mas também a mais difícil das virtudes, a paciência. *O fracasso da empresa doía-lhe, sobretudo pelos companheiros e pelos muitos ganhões que lhe corriam no sangue. Por eles é que queria vencer* (p.127). No encontro com um poeta, cujo destino *lho proíbe do trabalho*, uma *paz gratuita* toma lugar em sua alma. Porém, quando recebe o filho, que agora *era finalmente seu e na sua terra*, fica sabendo das traições amorosa, financeira e moral de Tatiana. E, depois de cinco malogrados anos de trabalho no arado, consegue colher o trigo.

Além da pobreza com que partia, de positivo e de cinco anos de luta levava a consciência do dever cumprido para com a sua terra e os seus irmãos, e a chave da velha casa dos pais (p.149).

Depois de matricular o filho num internato em Lisboa, parte para Macau, em busca de si, de Tatiana.

Tudo quanto era consciência e instinto dentro de si conhecia as razões que o levavam a seguir obcecadamente os passos do fantasma movediço. (p.154).

⁴ PAZ, Octavio. A Dialética da Solidão. In: PAZ, Octavio. (1992) *O Labirinto da Solidão e Post Scriptum*. São Paulo: Paz e Terra. 3.ed.

Mesmo vasculhando toda a China, Tatiana é quem o encontra, moribundo, novamente, ela se torna sujeito nas ações. *À vista da mulher, os olhos mortiços do Senhor Ventura ainda se iluminaram de ódio* (156). Já era tarde, morre o Senhor Ventura e é enterrado em terra estranha por mãos estranhas. Última partida! Agora, nessa terra desconhecida para onde a viagem da morte leva, não será mais estrangeiro. O filho, sem auxílio financeiro, torna-se também pastor, fechando o ciclo mítico.

Uma vez que se sai do seu país, está-se sempre pronto para partir. Conhecer outros mundos e encontrar-se, no mínimo, com uma razão para sentir saudades. Como então responder os questionamentos que nos foram suscitados ao longo da narrativa, como entender o sentimento migrante? A leitura de um trecho do poema *Terra Natal*⁵ do próprio Torga, talvez, seja um bom caminho:

*Do céu dos astronautas olho a Terra.
A minha Terra...
Terra onde nasci...
Um balão de criança
Iluminado
Pelo sol da minha lembrança,
Meu eterno pecado...*

*Deixei-a num impulso aventureiro,
E fôí como se eu próprio me roubasse...
Nunca mais tive paz
Ou fui capaz
De sonhar
Outro lar
Que me abrigasse*

Sobre o poema não seria forçado dizer, que teria como autor ideal o Senhor Ventura, por definir plenamente o estado de sua alma. Resume-se a novela no poema, ou melhor, a poesia ganha outra face.

É sabido que não há a casa para o migrante, como o Senhor Ventura, todos os migrantes são *hóspedes da vida*. Segundo essa visão, cada um de nós entrou neste universo como se entrasse numa cidade estrangeira, com a qual não tivesse nenhum vínculo antes de nascer; e, uma vez aqui, o homem jamais deixa de ser um hóspede de passagem, até ter percorrido de um extremo ao outro a duração de vida que lhe houver sido atribuída. Por isso, a morte como última viagem. Assim, entendemos o porquê do nosso venturoso herói ser, portador de *um destino que, mais que individual, é coletivo*, pois, *que é o Senhor Ventura senão o efeito irremediável dum tropismo que nos anda no sangue e nos chama em qualquer parte do mundo a este pobre redil lírico e desconfortável, ao mesmo tempo tão absurdo e tão humano?* (106)

⁵TORGA, Miguel. Terra Natal. (1962) In: *Colóquio*: Revista de Artes e Letras. n.20.

Temos, então, a chave para a porta da compreensão da profundidade da alma desse nosso migrante. A volta à terra natal, traz subjacente o anseio pelo retorno ao útero materno. Em Tatiana, como em todas as mulheres de sua errância amorosa, procurou o Senhor Ventura, esse útero, sua terra primeira. Mesmo a amizade com o patricio Pereira pode ser lida como um indício desse desejo de retorno, uma aproximação às raízes. A novela nos mostra o homem à procura de sua parcela, ainda errática, sua identificação pessoal. O Senhor Ventura trilha seu caminho instintivamente, para ele, as vicissitudes da vida são enfrentadas com as armas de que dispõe, sejam elas boas ou más. E se o bem e o mal coabitam na alma humana, cabendo aos homens velar o que há de mau em seus atos, o Senhor Ventura, embora humano, não faz uso de suas máscaras. Será essa a *misteriosa e peregrina verdade*?

BIBLIOGRAFIA

- BARTHES, Roland. (1973) *Le Plaisir du Texte*. Paris: Ed. du Seuil.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. (1997) *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympo, 11.ed.
- DURAND, Gilbert. (1997) *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*. São Paulo: Martins Fontes.
- PAZ, Octavio. (1992) *O Labirinto da Solidão e Post Scriptum*. São Paulo: Paz e Terra. 3.ed.
- TORGA, Miguel. (1999) *O Senhor Ventura*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- TORGA, Miguel. Terra Natal. (1962) In: *Colóquio*: Revista de Artes e Letras. n.20.